

GAÚCHOS EM CANUDOS: ISIDORO VIRGÍNIO E A VIDA MAL VIVIDA

Carlos Perrone Jobim Júnior¹

RESUMO: A presença massiva das tropas gaúchas em Canudos é notória. No entanto, pouco tem se falado sobre as motivações de Júlio de Castilhos em atacar o Belo Monte. Este trabalho trata de apresentar os cadernos memorialísticos de Isidoro Virgínio, soldado-músico do 12º Batalhão de Infantaria de Rio Grande. Participante da Revolução Federalista de 1893 e da Guerra de Canudos, Isidoro Virgínio deixou registrado em seus cadernos manuscritos as lembranças dessas duas guerras. Este trabalho procura analisar a obra desse soldado para mostrar alguns elementos fundamentais e necessários para que o leitor possa compreender as especificidades de sua narrativa, como também os aspectos psicológicos do autor. Além disso, pretende-se destacar as ligações entre dois eventos históricos distintos, de modo que se possa compreender as origens das forças gaúchas que se deslocaram na Quarta Expedição Militar para destruir Canudos, a partir dos cadernos do soldado, intitulados de “A Vida Mal Vivida”.

Palavras-chave: Narrativa; Guerra de Canudos; Revolução Federalista

ABSTRACT: The massive presence of the Gaucho troops in Canudos is notorious. However, little has been said about the motivations of Júlio de Castilhos in attacking Belo Monte. This work aims to present the memorialistic notebooks of Isidoro Virgínio, soldier-musician of the 12th Infantry Battalion of Rio Grande. Participant in the Federalist Revolution of 1893 and the War of Canudos, Isidoro Virgínio left registered in his handwritten notebooks the memories of these two wars. This paper seeks to analyze the work of this soldier to show some fundamental and necessary elements for the reader to understand the specifics of his narrative, as well as the psychological aspects of the author. Furthermore, it intends to highlight the connections between two distinct historical events, so that one can understand the origins of the Gaucho forces that moved in the Fourth Military Expedition to destroy Canudos, from the soldier's notebooks, entitled "A Vida Mal Vivida".

Keywords: Narratives Canudos War; Federalist Revolution

INTRODUÇÃO

Embora a minha intenção não seja tratar das questões do ensino da história, achei interessante começar uma reflexão sobre o envolvimento do Rio Grande do Sul na Guerra de Canudos, a partir da seguinte questão: Canudos deve ser ensinado da

¹ Dr. em História pela UFSC e Membro-Pesquisador do IHGRS.

mesma forma no Rio Grande do Sul e na Bahia? Pretendo, a partir desse ponto, mostrar a necessidade de pensarmos sobre as relações históricas e identitárias entre esses dois Estados. Nesse sentido, convido à leitura do relato manuscrito de Isidoro Virgínio. Soldado-músico do Treme-Terra, o 12º Batalhão de Infantaria de Rio Grande, participou da “Revolução Federalista de 1893” e da “Guerra de Canudos”.

A partir de seu relato, vemos uma convergência entre dois eventos históricos distintos, porém, interligados em uma narrativa coesa, contínua e linear. Pretendo mostrar algumas características da fonte e de seu narrador, cujas especificidades os tornam especiais, para que assim se possa compreender melhor Isidoro e seu diário, intitulado “A Vida Mal Vivida”. Por último, procuro mostrar como a Guerra de Canudos aparece no diário do soldado, destacando alguns exemplos.

UM CONTO EM CADA CANTO: CANUDOS NA SALA DE AULA

Em 2018, fui convidado pelo professor Vanderlei Machado, do Colégio de Aplicação da UFRGS, para dar uma aula sobre a Guerra de Canudos aos estudantes do 9º ano do ensino médio. Estava muito feliz pela oportunidade de retornar para esse colégio, onde fiz minha cadeira de prática de ensino, quando cursava História. Mais que isso, estava feliz porque daria uma aula para a turma do meu filho. O desafio era fazer com que a turma se interessasse pelo conteúdo. Então, pensei em encenar a guerra na sala de aula. Dois grupos se enfrentariam: “conselheiristas” contra “militares”. O professor Vanderlei concordou com a proposta e procuramos aprimorar a ideia.

Diante disso, começamos a trabalhar. Mudamos a disposição das cadeiras, deixando apenas uma fileira, separando a sala de aula em duas partes. Então, formamos os dois grupos. Pedi que os “conselheiristas” se colocassem no fundo da sala. Do outro lado, pedi que os “militares” entrassem em formação de batalhão, também ao fundo. Na frente, abri uma passagem na fileira de cadeiras. A ideia era colocar o batalhão em marcha, até que as contornassem e começasse a se aproximar de Canudos. Para representar a cidade, fiz as casas com caixas de leite cortadas e pintadas. Também usei um pote de sorvete para representar a Igreja Nova. Distribuí para todos a munição, feita de uma mangueira velha e fatiada. Os “conselheiristas” colocaram sobre as “casas” algumas figuras de cartolina, representando bodes e abóboras, produtos do trabalho do sertanejo. Depois, ficaram atrás delas, deixando

“Canudos” vulnerável. Já os “militares”, diante da cidade, posicionaram canhões de papelão e ficaram na frente deles, protegendo-os com o corpo. Esses eram os alvos e os “militares” estavam mais protegidos que os “conselheiristas”.

Comecei a aula explicando para os alunos sobre os fatos ocorridos no ano de 1893, o envolvimento dos militares na “Revolução Federalista” e a aliança entre Floriano Peixoto e Júlio de Castilhos. Depois, falei sobre o surgimento de Antônio Conselheiro e as razões do conflito, até chegar na derrota da “Terceira Expedição Militar”. Finalmente, depois de contextualizar a guerra, “ordenei” que a “Quarta Expedição” marchasse e a luta começasse.

Assim como ocorreu na história, Canudos foi derrotado devido a posição estratégica dos militares e a força dos canhões. A vitória não foi tão fácil, pois os “conselheiristas” também deram trabalho. Até mesmo pularam cadeiras para pegar o batalhão pelas costas. O objetivo era mostrar que Canudos tinha sido uma guerra cruel e injusta, na qual uma comunidade próspera e pacífica foi destruída pelas forças da República, treinadas, experimentadas nos campos de batalha do Sul e armadas com equipamento moderno. Além disso, mostrar a influência de Júlio de Castilhos na guerra. E essa foi a aula.

Já, na Bahia, na atual Canudos, podemos ver que Antônio Conselheiro e sua comunidade tem o protagonismo. Como exemplo, utilizo as palavras da professora Josileide Valença, do Centro Educacional Cardoso Gama, proferidas em 2021 durante a Feira Literária de Canudos (FLICAN), que contou com o valioso apoio do Centro de Estudos Euclides da Cunha da UNEB. Segundo ela, essa história “faz parte de nossa vida”, sendo que existe na matriz curricular uma disciplina chamada “História de Canudos”. Além disso, destaca que a importância desse tema reside na necessidade de valorização da identidade comunitária. Para ela, é preciso falar disso, pois é fundamental que se desenvolva a ideia de pertencimento. Em suas palavras: - A história de Canudos nos pertence!

Se compararmos as duas experiências citadas, poderemos observar que o Rio Grande do Sul ainda não reconhece parte do seu próprio passado, visto que Antônio Conselheiro quase nunca é mencionado na historiografia gaúcha. Isso nos faz pensar nos resquícios positivistas que pairam sobre nós, gaúchos. Afinal, existe uma dificuldade para admitir algo que nos desonra. Por isso, devem ser feitas mais pesquisas sobre o envolvimento de Júlio de Castilhos no conflito e esses trabalhos devem chegar no sertão.

Personagens como Carlos Telles, Thompson Flores, Arthur Oscar, Tristão Sucupira, por exemplo, estão presentes em ambas as guerras. Saber sobre a participação deles na Revolução Federalista nos leva a conhecer a construção do ódio político sobre o Belo Monte. A narrativa de Isidoro carrega esses dois eventos e nos permite compreender as estratégias de Castilhos e sua aliança com Floriano Peixoto, como também o envolvimento do Rio Grande do Sul no conflito. Assim como não podemos deixar de falar disso na sala de aula, não podemos pensar na participação do soldado Isidoro Virgínio em Canudos, sem considerar suas experiências na Federalista.

ALGUNS TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE ISIDORO VIRGÍNIO

Isidoro Virgínio nasceu em 4 de abril de 1877. Embora sua família fosse proveniente da Ilha dos Marinheiros, Isidoro nasceu na casa de sua madrinha, Dona Euféia Machado, que morava no Povo Novo. Isso aconteceu devido aos problemas de saúde de sua mãe, que necessitava de maiores cuidados. Assim, os primeiros anos de vida do menino foram na campanha. Seus pais se chamavam João e Virgínia Cassar.

De qualquer forma, Isidoro dizia ser natural de Rio Grande. Para ele, a vida na ilha era muito monótona e, como ele enxergava da praia o cais da cidade, ficava sonhando em um dia morar lá. Em 1887, seu sonho se concretizou. Talvez em razão do falecimento do pai, sua mãe contraiu um novo matrimônio com um homem chamado Antônio e foram morar na cidade.

Conforme nos conta, a vida na cidade lhe parecia maravilhosa. Ele vivia perambulando pelas ruas, brincando, soltando pipa e fazendo traquinagens. Em 12 de dezembro de 1889, resolveu partir para sua primeira aventura, embarcando clandestinamente em um navio para Porto Alegre. Nesse período, trabalhou como auxiliar de verdureiro e depois como cavalição de uma família abastada. Poucos meses depois, retornou para Rio Grande e, em 1891, no ano de falecimento de sua mãe, decidiu entrar voluntariamente para o Exército.

Sua atitude se deve ao fato de que ele não se considerava mais uma criança. Já tinha experimentado viver pelo seu próprio esforço e parecia não mais se acostumar à antiga vida de moleque. É emblemático o fato de que, na infância, o que lhe causava mais medo fossem os soldados. Talvez, por isso, tenha considerado que a sua entrada

no 12º Batalhão de Infantaria de Rio Grande fosse um ritual de passagem para a vida adulta.

A vida de soldado foi bastante turbulenta. Em 1891, seu batalhão foi para Porto Alegre para depor Júlio de Castilhos. Em 1892, devido ao chamamento do ministro do Exército, para que todos os batalhões do Sul fizessem treinamentos de guerra na fazenda de internada de Saicã, Isidoro acabou testemunhando o “Golpe de Saicã”. Esse golpe se constituiu numa combinação secreta entre Floriano Peixoto e Júlio de Castilhos que, na calada da noite sequestraram os mesmos comandantes de batalhões que o depuseram. Podemos observar nos escritos de Isidoro, que ele mesmo não tinha noção do que estava acontecendo. E nem mesmo existe qualquer registro na historiografia ou nas fontes que fale sobre isso. Mas, observando os telegramas trocados entre Floriano e Castilhos, pude concluir o que se passou. Floriano disse que o “Ardil de Castilhos” tinha dado certo; o que explica porque Castilhos retornou ao poder com tanta facilidade.

No ano seguinte, devido à tomada de Bagé, as colunas maragatas partiram do Uruguai e entraram no Rio Grande do Sul. Tinha início a Revolução Federalista de 1893. Como parte do golpe, o batalhão de Isidoro foi deslocado para São Gabriel e, ao retornar, em 1894, Tristão Sucupira de Alencar Araripe, morto posteriormente em Canudos, substituiu o “desaparecido” coronel Onofre dos Santos.

Em 1896, após uma série de fatos, o “Treme-Terra”, alcunha dada ao seu batalhão nos tempos da Guerra do Paraguai, rumou para Alegrete. Após a morte do coronel Moreira César, Isidoro Virgínio foi para Canudos com seu batalhão, para participar da coluna Savaget. Ele era um dos que lutaram em Cocorobó e no Morro da Favela. Antes do final da guerra de Canudos, Isidoro sofreu um ferimento leve e foi substituído. Por isso, aparece na foto de Flávio de Barros, tirada em Monte Santo, na ocasião da missa celebrada no mesmo povoado, contando com a presença do Marechal Carlos Bittencourt e Euclides da Cunha.

Após a guerra, em 1898, Isidoro Virgínio vai para o Rio de Janeiro. Por causa do extremo sofrimento que vivera como soldado, decidiu deixar o Exército e retornar para Rio Grande. Na sua “terra natal”, com a ajuda de amigos, conseguiu emprego em uma padaria como aprendiz. Pouco tempo depois, desiludido com a política local, decide voltar para o Rio de Janeiro. Então, começa a trabalhar como padeiro e, mais tarde, após um curto retorno à caserna, consegue empregar-se como padeiro mercante.



Figura 1: Missa realizada na presença do marechal Bittencourt e Euclides da Cunha. Talvez Isidoro Virgínio seja o soldado-músico no centro do detalhe da foto abaixo, pelas suas características (baixa estatura, branco, tocava instrumento de sopro).



Figura 2: Isidoro Virgínio

Ao longo de sua vida, Isidoro testemunhou outros eventos históricos considerados paradigmáticos. Participou da Revolta da Vacina e também estava embarcado no navio S.S. Alegrete, quando o mesmo foi torpedeado por um submarino alemão em 1942. Outros eventos marcantes, embora pessoais, fizeram com que Isidoro passasse por momentos muito difíceis. Em 1912, foi preso em Gênova por ferir um marinheiro, relatando sua triste experiência na prisão. Já, na década de 40, em razão de um desafeto na política, é envenenado e tem seus intestinos

irreversivelmente danificados. Em 1945, retornou para Rio Grande como aposentado e se instalou na Santa Casa da Beneficência Portuguesa da mesma cidade, onde faleceu, em 31 de dezembro de 1955, de câncer no intestino grosso.

SOBRE A CONSTRUÇÃO DE “A VIDA MAL VIVIDA”

A obra totaliza cerca de 70 cadernos. Seu diário íntimo é composto de 21 cadernos manuscritos, chamados de “A Vida Mal Vivida”. Neles, Isidoro Virgínio narra suas experiências entre 1889 e 1945. Depois desta data, ao retornar para Rio Grande, ele compôs os demais cadernos. “A Vida Mal Vivida – Rio Grande”, por exemplo, é constituído por 15 cadernos e começa com Isidoro narrando sua experiência como asilado. Depois, se transforma na rememoração das casas e de seus antigos moradores, lembrados em seus passeios diários. Os demais cadernos tratam de assuntos diversos, trazendo casos que lhe foram contados, como também um longo estudo sobre o evangelho, sobre alimentos medicinais, etc.

“A Vida Mal Vivida” começou a ser escrita em 1891, talvez como um exercício literário. Nessa época, Isidoro Virgínio foi alfabetizado pelo capitão Antônio Prestes, o pai de Luís Carlos Prestes, quando o soldado frequentava as aulas noturnas. Sua escrita começa com a narração de sua primeira aventura, quando ele embarca, em 1889, para Porto Alegre. Sua intenção era a de registrar os fatos que aconteciam em sua vida, como um recurso mnemotécnico. Pois, desde o tempo da infância, quando morava na campanha, Isidoro gostava de escutar histórias. Agora, ele tinha suas próprias histórias para contar. E como ele não queria se esquecer do que tinha vivido e sentido, passou a registrar seus feitos. Como não tinha família, já que nunca se casou, nem teve filhos, aproveitava seus momentos de folga para se aproximar de qualquer um que estivesse disposto a conversar. Por isso, frequentava constantemente as rodas dos bares, das padarias, dos alojamentos e das esquinas.

O objetivo era lembrar para melhor contar. E quando Isidoro contava seus feitos para os amigos, fazia de uma forma diferente. Ele gostava de “apimentar” seus casos. Às vezes, inventava coisas para que seus ouvintes ficassem mais impressionados. Conforme ele mesmo disse, as histórias de que mais gostavam era a de Canudos. Nesse sentido, tornara-se um contador especial. Além de suas histórias de soldado, entrou na marinha mercante para poder viajar pelo mundo e trazer novas histórias.

Embora não tenhamos como saber se sua personalidade era mais expansiva ou mais retraída, quando ele contava seus casos, o fazia de forma especial: Isidoro atuava. Queria divertir seus ouvintes. Por isso, nas rodas de conversa, ele entrava como um contador preparado. Seguia petreamente as regras de convivência social. Esperava o momento certo para falar e nunca desqualificava quem estivesse com a palavra.

No entanto, suas boas maneiras, sua honestidade e sua simpatia escondiam o homem sombrio que ele também era. Depois de aposentado, revelou nos cadernos “A Vida Mal Vivida – Rio Grande” um pouco de sua personalidade. Segundo nos conta, tornara-se espírita no início da década de 40. E, por isso, sentia sua alma aliviada. Pois, quando era criança, apesar de receber de sua família valores próprios da religião, não acreditava em nada. Então, no início do século XX, começou a ler o evangelho. Mas, alguns anos depois, provavelmente devido a sua prisão, voltou a não acreditar em Deus.

Nesse momento da vida, Isidoro disse que pensava em coisas terríveis e, por isso, não se considerava um homem bom. Essa reflexão sobre si mesmo ajuda a compreender seus ímpetos violentos em determinados momentos. Devido a isso, Isidoro acabou preso por um curto período em Gênova. Mas, cabe salientar que raramente ele deixava esse lado agressivo aflorar. Desse modo, ao aderir ao espiritismo, passou a se sentir mais reconfortado.

Por isso, o título de seus cadernos é “A Vida Mal Vivida”. Pois essa é a percepção do velho Isidoro. Vivenciou duas guerras; trabalhou exaustivamente nas padarias e nos navios; foi preso e envenenado. E, agora, se encontrava muito doente. Assim, esse título fala de uma vida sofrida. Pois é o testamento de um homem velho e pobre que se decepcionou com a humanidade. No entanto, as coisas não foram sempre assim. Sua infância e sua juventude, apesar das guerras, tinham um sabor diferente: Isidoro amava a vida. No quartel, escolhera ser músico. Gostava de viajar e de aprender. Gostava de estar com os amigos. Gostava de festejar o carnaval.

Por sua vez, a construção de “A Vida Mal Vivida” passa por algumas fases. Ao longo da vida, Isidoro escreveu em folhas de tamanhos e cores diferentes. Como método, primeiro fazia anotações sobre aquilo que observava, para depois redigir de forma mais descritiva o que tinha visto. Somente no início da década de 40 é que ele começa a transcrever as folhas nos cadernos espiralados. Essa padronização se devia ao seu interesse em salvar o que tinha guardado. Pois sabia que não poderia entregar

seus escritos da forma desordenada que estava. Tinha iniciado, assim, sua intenção de salvá-los. E, ao longo dos seus últimos dez anos, terminou de passá-los à limpo.

A SALVAÇÃO DOS CADERNOS: EM BUSCA DE UM GUARDIÃO

Considero que Isidoro Virgínio não deva ter feito muitas modificações em seus escritos, pois sua ideia era entregar para o futuro guardião uma obra testamentária. Então, quando estava prestes a morrer, juntou tudo o que tinha e levou para seu amigo Antônio de Tarso, dono da primeira banca de revistas da cidade. Quando Antônio morreu, seu filho, Paulo de Tarso Teixeira e Silva, pediu aos irmãos que deixassem os escritos de Isidoro com ele.

Conheci Paulo em 1998. Naquela ocasião, pesquisava sobre o envolvimento do Rio Grande do Sul no conflito de Canudos, como proposta para entrar no mestrado da UFRGS. Lembro que estava no museu Hipólito da Costa, transcrevendo o jornal “A Federação” de 1897. Então, como sabia que o Museu do Exército tinha em sua exposição um chapéu dos “pica-paus”, resolvi ver pessoalmente o afamado chapéu e tirar uma foto. Para minha surpresa, após explicar as minhas intenções e ser autorizado pelo diretor do museu, ele me disse que conhecia um colega que tinha os diários de um soldado que lutou em Canudos. Então, consegui o seu nome e, mais tarde, com a ajuda do meu pai, que também tinha sido militar, o endereço do senhor Paulo. Foi assim que nos conhecemos e foi assim que cheguei aos cadernos.

Após a minha defesa de mestrado, entreguei para ele a minha dissertação. No dia seguinte, ele me ligou e marcou um novo encontro. Passou a noite lendo meu trabalho e, como gostou, disse que aparecesse em sua casa para me passar todos os cadernos. Então, me tornei o terceiro guardião da fonte. Alguns anos depois, voltei a procurá-lo e soube que tinha falecido. Para minha surpresa, sua filha me disse que passasse em sua casa, pois queria me entregar uma caixa de cadernos que ela tinha encontrado. Então, fui buscá-los imediatamente. E, assim, a coleção ficou quase completa.

Infelizmente, foi perdido o primeiro caderno, que estava sendo transcrito pelo senhor Paulo na década de 1960. Ele estava no Exército e foi para Israel participar de uma missão. Quando retornou, descobriu que a senhora que fazia a limpeza tirou o caderno de sua gaveta e o jogou no lixo, julgando ser somente um caderninho usado,

velho e totalmente preenchido. Dele restaram apenas as primeiras páginas transcritas. De qualquer forma, a maior parte do material está a salvo.

ISIDORO VIRGÍNIO E OS ESCRITOS DA GUERRA DE CANUDOS

Em 18 de março de 1897, o batalhão de Isidoro Virgínio partiu de Alegrete para Canudos, onde ficaram até o final da guerra. O 12º Batalhão de Infantaria era conhecido como o “Treme-Terra”, alcunha dada na Guerra do Paraguai. Eram os “Centuros Apeados” de Euclides da Cunha. Eram os “Maragunços”, aglomeração das palavras maragatos e jagunços, criando um vocábulo que circulou como um chiste pelos jornais, por um período curto, em tom sarcástico e jocoso.²

Naquele momento, o “Treme-Terra estava sob o comando do coronel Sucupira, enviado especial de Floriano Peixoto para ocupar o lugar do antigo comandante, deposto no silencioso golpe de Saicã, em 1892. Conforme Isidoro Virgínio, o batalhão acampado em Alegrete estava assim formado:

“Na aldeia do acampamento há para mais de 900 pessoas, entre mulheres e crianças.[...] Bem poucos são aqueles que não tem a sua costela. Um acampamento de uma corporação são dois acampamentos. O da frente da corporação e o de trás, a retaguarda da família dos praças da corporação. Basta ver um batalhão ou regimento em marcha, quer em tempo de paz ou em tempo de guerra, mulheres e crianças que fedem a rato, satisfeitos por terem o seu direito de barraca”.(AVMV, p. 195-196).

Em 2 de abril de 1897, o batalhão chegou em Salvador, ficando aquartelado no Forte de São Pedro. Nesse período, Isidoro Virgínio escreveu dois novos capítulos: “Para Alegrete” e “Para Canudos”. O último foi escrito entre 4 e 8 de abril. Nele, Isidoro descreve o deslocamento da tropa que partira “*em cumprimento do dever*”(AVMV, p.206). A imprensa teve papel fundamental na construção do inimigo no imaginário popular, para quem Antônio Conselheiro passou a ser um perigo para a República. Após a derrota do coronel Moreira César, Júlio de Castilhos preencheu as páginas de seu jornal, “A Federação”, conclamando todos contra Canudos. O discurso do perigo monarquista também convenceu Isidoro de que a luta contra o Belo Monte tinha um propósito digno. Conforme explicou: “*No presente momento, a jovem*

² GALVÃO, Walnice Nogueira. No Calor da Hora: a guerra de canudos nos jornais, 4ª Expedição. São Paulo: Atica, 1974, p. 34, p. 372.

República está correndo grande perigo, lá nos inóspitos sertões baianos. Já, quatro expedições militares, uma derrotada e quatro aniquiladas pelos fanáticos do monge Antônio Conselheiro.”(AVMV, p.207).

Em 9 de abril de 1897, Isidoro encerrou seus escritos em Salvador e seguiu para Sergipe. Em 14 de abril chegavam em Aracaju, partindo no dia 19 para Canudos. Nesse período, Isidoro Virgínio escreveu dois capítulos durante seu deslocamento: “Na Terra do Vatapá” (que trata da estadia do batalhão em Salvador) e “Para o Sertão”, o último registro feito antes da guerra, em 28 de abril de 1897, na Colônia de Patrocínio.

“Para o Desconhecido” é o título que Isidoro Virgínio deu ao seu novo capítulo, escrito em Salvador, depois da guerra. Nesse episódio, Isidoro fala do deslocamento da tropa pelo sertão, descrevendo aspectos geográficos, o desaparecimento das pessoas nas cidades por onde passavam, entre outras coisas. O próximo capítulo foi chamado de “Nuvens Negras”, no qual ele narra o primeiro encontro de sua coluna com os conselheiristas e, principalmente, a batalha de Cocoróbó.

"Quando o corneta do comando da 4ª Brigada repetiu o toque, foi um arranco medonho, aquela massa de homens e baionetas avançando para a frente. Parecia que um vento surdo levava de roldão, cega e louca e vertiginosa carreira. Nos parecia que pedras e arvoredos e gente ía tudo de roldão, qual as fúrias de um Ciclone. Parecia que um pedaço do céu tinha desabado e a terra tremia em seus fundamentos. Foi uma visão pavorosa, e parecia que as duas serras montanhosas se tinham chocado uma contra a outra. [...]. Um surdo ensurdecador vagava no espaço, [...] era um treme-treme pavoroso de fim do mundo. Tal foi para nós, o visionário pavor do momento. Era de assombrar não só a nós, como a própria natureza do inóspito sertão baiano. Mas, em todo caso, misterioso redutos dos caiporas das matas, estava tomado das invisíveis caiporas do sertão.”. (AVMV, pp.256-7)

Impressiona a força imagética das palavras de Isidoro Virgínio, que nos permitem visualizar a intensidade daquele momento. Para ele, o que estava acontecendo era algo parecido com o fim do mundo, um ciclone apocalíptico que assombrava até mesmo a natureza. E embora o inimigo continuasse escondido, Isidoro dizia que as matas estavam tomadas de caiporas, de seres invisíveis, entes fantásticos que povoavam aquela região.

Os onze capítulos seguintes tratam ainda da Guerra de Canudos e foram escritos no Rio de Janeiro. Neles, estão descritas as experiências do “Morro da Favela” e a tomada de Canudos. Ao longo de sua narrativa, podemos perceber que Isidoro Virgínio traz muitas informações sobre a guerra, como as caçadas humanas em busca de alimentos, com o propósito de comercializar o espólio entre os soldados, que estavam padecendo de sede e fome. Também é marcante a forma como Isidoro pensa tanto os soldados como os conselheiristas. Para ele, todos se comportavam como feras. Os conselheiristas eram vistos como demônios, como falsos cristãos que causavam pavor as tropas, por rezarem durante a noite e se lutarem ferozmente durante o dia. Apesar de considerar que os conselheiristas estavam defendendo o que era seu, mesmo assim não deixava de demonizá-los. Os soldados, por sua vez, também eram vistos como feras. Homens bestializados e embrutecidos pelo chicote, que não tinham coração.

Alguns comandantes também eram vistos como feras, a exemplo do capitão Chachá, que, mesmo ferido, não parava de lutar. Outros eram vistos como mártires e tomados como verdadeiros santos, como o caso do comandante Sucupira, morto em combate. Para Isidoro, o "velho", como era chamado por seus subordinados, assumia junto ao batalhão as funções de um *"pai bondoso"* (AVMV, p.272), por quem as tropas lutariam e morreriam. O ferimento do comandante teve efeito devastador sobre todos: *"Os que carregava a rede do velho enfermo, carregavam com tanto cuidado e zelo, como se fosse um santo no andar. Os que acompanhavam a rede, iam de cabeça baixa, pesarosos e pensativos, e em silencio."*(AVMV, p.274).

A narrativa de Isidoro Virgínio também fala das divergências entre o general Arthur Oscar e o coronel Carlos Telles. Para Isidoro, o coronel Telles teve uma atitude verdadeiramente heroica, ao libertar seus prisioneiros e impedir que fossem degolados. O que podemos observar é que, embora Isidoro tenha visto os conselheiristas como inimigos, aos seus olhos, a campanha vai se desmoralizando com o passar do tempo. Além da crueldade dos soldados, a degola é um ponto de inflexão. Nesse momento, Isidoro Virgínio repudia e contesta o papel civilizatório da República. Os fuzilamentos em massa de homens, mulheres, idosos e crianças eram *uma "vergonha eterna para a geração que passa, e se diz cristã e civilizada [...] vergonha para a Nação Brasileira."*(AVMV, p.360). Para ele, era um espetáculo macabro que *"fazia doer a alma, dos corações por mais empedernidos que fossem."*

(AVMV, p.360). Aquilo era uma atitude de "*semi-homens ferozes*" (AVMV, p.360), embrutecidos e bestiais.

Embora Isidoro Virgínio tenha escrito os fatos com a intenção de narrar o que realmente aconteceu e sentiu, percebe-se algumas omissões. Por exemplo, na Guerra de Canudos ele não comenta se matou alguém. Na Revolução Federalista acontece a mesma coisa. Talvez, ao transcrever para os cadernos, o velho Isidoro temesse expor essa ferida. Narrou os horrores que os soldados praticaram, mas nunca falou sobre o que fez. Por outro lado, em determinado momento, o soldado comenta que matar na guerra não é pecado. Como dissera, ainda na "Revolução Federalista":

"Triste do filho do velho, que neste mundo só veio para padecer. Pelo rigor da disciplina militar, na estação de Nascente estive para ser fuzilado. Nestes cruéis tempos de guerra, as bandas de música, dos corpos de tropa de linha, há momentos que deixa de ser soldados artistas, para ser brigador. Assim é, que além de todas as formaturas e ensaios. São escalados para piquetes, faxinas e carnações. Que na hora de briga, brigue é natural. Para salvar suas peles e de seus companheiros. Embora não haja perigo, os soldados artistas encostam a lira e pegam no pau de fogo, em vez da lira. Não é justo, possível e razoável, é falta de bom senso. Porque um artista não se faz da noite para o dia, bota tempo."(AVMV, p.151).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Canudos deve ser contada no Rio Grande do Sul da mesma forma que na Bahia. Mas, além de mostrar a trajetória de Antônio Conselheiro e do Belo Monte, os gaúchos devem destacar o envolvimento de Júlio de Castilhos no conflito. Nesse sentido, a narrativa de Isidoro Virgínio caminha nessa direção, pois trata de ambos os temas, já que seu texto é justamente o testemunho de ambas experiências, ligadas pela história de seu batalhão. Desse modo, penso que é importante saber sobre a história da Revolução Federalista, para que possamos compreender melhor as razões da Guerra de Canudos.

Lembrar de Antônio Conselheiro no Rio Grande do Sul é um ato político. Por exemplo, o centenário da Guerra de Canudos quase foi esquecido, ao passo que o centenário de "Os Sertões" contou com vários eventos. Ou seja, o conflito de Canudos ficou esquecido, enquanto a obra de Euclides da Cunha foi bastante comemorada em seu centenário. Cabe ainda salientar que, de 2004 até 2022, nada mais se falou sobre Antônio Conselheiro e muito menos sobre o envolvimento dos gaúchos no conflito.

Da mesma forma, as comemorações em torno do centenário da Revolução Federalista e da Morte de Júlio de Castilhos ignoraram completamente esse tema. Por isso, considero a obra de Isidoro Virgínio importante, já que sua narrativa mostra a interligação entre essas duas histórias.

A partir de seus escritos, podemos ter um legítimo e interessante contraponto à obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. Isidoro Virgínio leu o “livro vingador”, pouco depois de sua primeira publicação, tomando emprestado de um outro soldado. Segundo disse, a história de Canudos está cercada de verdades e mentiras, como também de ausências. Para ele, Euclides da Cunha não conta tudo.

Enfim, considero que os cadernos de Isidoro Virgínio proporcionam uma releitura de Canudos. Diferente dos demais memorialistas, oficiais do Exército, médicos, jornalistas, políticos, etc, os escritos do soldado apresentam a versão dos de baixo, dos excluídos da República. Como sabemos, a dificuldade em encontrar esse tipo de fonte é bastante comentada, já tendo sido mencionada por muitos historiadores, como Edward Thompson, Carlo Ginzburg, entre outros. Desse modo, a história do soldado Isidoro pode contribuir para ampliar o espectro investigativo da História do Belo Monte e do início da República. Por isso, disponibilizo para o Centro de Estudos Euclides da Cunha os escritos da Revolução Federalista e da Guerra de Canudos, já digitalizados, para que seu depoimento seja efetivamente conhecido e discutido.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No Calor da Hora: a guerra de canudos nos jornais, 4a Expedição*. São Paulo: Ática, 1974.

GOMES, Gínia Maria (org.). *Euclides da Cunha: literatura e história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

VIRGÍNIO, Isidoro. A Vida Mal Vivida: cadernos de apontamentos. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/5/folders/128xYREJMMaMD39rt6jrXz6y9hH1aEIVq>

JOBIM JÚNIOR, Carlos Perrone. *“A Vida Mal Vivida” - Diário de um Maragunço: memórias de um soldado na Revolução Federalista e na Guerra de Canudos (1893-1897)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado/UFRGS, 2002.

JOBIM JÚNIOR, Carlos Perrone. *“A Vida Mal Vivida”*: um estudo sobre o diário do soldado Isidoro Virgínio (1889-1898). Florianópolis: Tese de doutorado/UFSC, 2014.

MACEDO, José Rivair; e MAESTRI, Mário. *Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.